

# OPINIÃO

## EDITORIAL

### O servidor de home office, os penduricalhos e o escárnio na Câmara

Ribeirão Preto não é para amadores — e muito menos a Câmara. Desde 2022, um servidor da Casa simplesmente se recusa a trabalhar presencialmente. Isso mesmo. Enquanto qualquer trabalhador comum — da faxineira ao bancário — precisou retomar sua rotina após o fim das restrições da pandemia, esse cidadão segue, há praticamente três anos, confortavelmente instalado no home office, contrariando, inclusive, a ordem da própria Câmara na volta ao trabalho presencial.

O sujeito ingressou na Câmara em 2009, com salário de R\$ 1,7 mil. Mas, graças a uma engenharia escandalosa de gratificações, acúmulos e penduricalhos — muitos deles já considerados inconstitucionais pela Justiça, mas que, graças ao jeitinho brasileiro, não se traduziu em adequação dos salários dos marajás locais — hoje fatura cerca de R\$ 30 mil mensais.

E não estamos falando de um caso isolado, mas da regra oculta que rege as entranhas do Legislativo ribeirão-pretano há décadas: proteger castas internas, distribuir benefícios e perpetuar privilégios. Não por outro motivo, a mulher do beneficiário é chamada nos bastidores de Presidente de fato do Legislativo, concentrando poderes.

Para tornar a situação ainda mais absurda, esse servidor recebe duas gratificações destinadas a funções de chefia. Chefia de quê, exatamente? De uma sala vazia? De um gabinete fantasma? Chefia à distância, por videoconferência, talvez. Entre as funções, está a de Pregoeiro — a Câmara parece esquecer que todos os pregões passaram a ser realizados pelo sistema federal, tornando a função mais que desnecessária, um verdadeiro desperdício de dinheiro público.

O fato é que, mesmo não pondo os pés na Câmara há anos, os penduricalhos continuam pingando na

conta, mês após mês.

E como se não bastasse o escárnio, esse período de “trabalho remoto” foi aproveitado pelo servidor para cursar Direito na Universidade de São Paulo. Curioso, não? Curioso, mas não surpreendente. Afinal, ele não é um servidor qualquer. É marido daquela que é, nas palavras dos próprios corredores da Câmara, a “presidente oculta” da Casa — a funcionária mais poderosa do Legislativo, que há anos controla nomeações, exonerações, gratificações e boa parte do que acontece nas sombras do parlamento municipal.

Que, por sinal, é sócia de um escritório de advocacia, veja a curiosidade. Em sociedade, por sinal, com um famosíssimo ex-procurador da Prefeitura, que também atuou no Legislativo e ainda atua na prefeitura. E que mantém, também curiosamente, farta clientela entre os que precisam, veja só você, de assessoria em questões que envolvem, por mais improvável que seja, a própria administração municipal.

Mas esse é tema para outro editorial. Mas voltemos.

A denúncia sobre esse home office eterno não é nova. Foi feita em 2022. E a pergunta que se impõe é simples: como, em pleno 2025, esse servidor ainda não foi obrigado a retornar ao trabalho presencial? Que força é essa que permite a manutenção desse privilégio, desse deboche, desse tapa na cara da população que banca, com impostos, essa farra?

Não se trata apenas de um caso isolado de preguiça, conveniência ou esperteza. Trata-se da representação mais cristalina de um sistema apodrecido, onde servidores se tornam donos da máquina pública, protegidos por redes internas de poder, silêncio e conivência.

Está mais do que na hora de a sociedade cobrar respostas — e, principalmente, atitudes.

## NOVAS IDEIAS

### Irã: quando soberania divina e popular colidem

LUIZ RUFINO



O Irã ocupa uma posição singular na dinâmica entre soberania divina e soberania popular. Desde a Revolução de 1979, o regime teocrático afirma ser a expressão da vontade de Deus, guiado por líderes religiosos alegadamente imbuídos de legitimidade espiritual. No entanto, essa soberania divina, na prática, é erguida sobre pilares frágeis. Não se sustenta em Alá, mas em um discurso profundamente humano, utilizado como ferramenta de manutenção do poder. A “vontade divina” que governa o Irã é nada mais que um expediente para silenciar dissidências e legitimar a violência estatal — uma farsa de santidade mascarando uma realidade de cassetetes e prisões.

Entretanto, a fissura mais grave na estrutura do regime está em sua relação com o povo — especialmente com a juventude. Hoje, mais de 60% da população iraniana tem menos de 35 anos, o que significa que a maioria nunca conheceu outro sistema fora do regime islâmico. Esses jovens, nascidos no pós-revolução, não carregam as esperanças ou ilusões que motivaram seus pais em 1979. Pelo contrário, convivem diariamente com uma repressão que não conquista corações, apenas os sufoca. Não existem dados oficiais precisos sobre a porcentagem de jovens insatisfeitos com o regime, mas é amplamente reconhecido que esse índice é alto. Eles questionam abertamente, ainda que em espaços privados, a legitimidade do regime e a brutalidade com que ele governa. O hijab (véu), enquanto símbolo, tornou-se uma metáfora desse descontentamento: não se trata apenas do véu imposto às mulheres, mas do peso de um sistema que sufoca a liberdade.

Ainda assim, um regime totalitário não desmorona facilmente. Ao contrário, ele se endurece diante de qualquer ameaça. A insatisfação da juventude, por maior que seja, enfrenta as profundas raízes do poder teocrático, sustentado por mecanismos de vigilância, repressão e propaganda. Essa dinâmica conta com um agravante: o aumento da pressão externa, especialmente os recentes ataques americanos. O regime utiliza a presença do “inimigo externo” como estratégia de sobrevivência, fortalecendo o nacionalismo ao mesmo tempo em que intensifica a repressão. Mas esse jogo tem limites. Quanto mais brutal e fechado se torna o regime, mais minada fica sua legitimidade perante a própria população. A longo prazo, essa combinação de descontentamento interno e pressões externas pode provocar um colapso.

E se houver uma insurreição? Essa é uma questão delicada. Muitos jovens desejam mudanças, mas a história das transições políticas no Oriente Médio não inspira otimismo. Regimes semelhantes ao do Irã, quando derrubados, frequentemente cederam espaço a governos igualmente opressivos. O Egito, com a Primavera Árabe em 2011, é um exemplo emblemático: o levante popular derrubou uma ditadura apenas para permitir a ascensão de um governo totalitário de outra natureza. O que começa como um movimento democrático, pautado na liberdade, frequentemente desemboca em outro regime autoritário, seja pela falta de preparo institucional, seja pelo vazio de poder gerado no processo.

Isso nos leva à parábola da monarquia que degenera em tirania. Platão já nos alertava que a monarquia, na busca por estabilidade, pode facilmente se transformar na ditadura de um só homem. Do rei, que governava com certa legitimidade divina ou popular, chega-se ao tirano, cujo poder repousa no medo. O Irã ilustra exatamente esse ciclo, mas com uma diferença sutil: não foi apenas uma monarquia que se degenerou. Foi uma teocracia, apresentada como a verdadeira soberania divina, que corroe qualquer traço de justiça ou liberdade. Uma insurreição poderia romper esse ciclo? Ou apenas levar a um novo tirano — alguém que substituiria o turbante pelo uniforme militar, mas preservaria a mesma lógica de opressão?

Essa é a sombra que paira sobre qualquer possibilidade de mudança no Irã. O descontentamento popular é real, e a juventude carrega o potencial de desafiar o sistema. No entanto, não há garantias de que sua revolta, se ocorrer, levará a algo diferente. A soberania popular, para florescer, depende de instituições e compromissos que não se constroem apenas no calor de uma revolta — muito menos em um contexto de repressão como o do Irã. Sem esses elementos, o que começa como insurreição pode se transformar apenas em um novo ato de um mesmo teatro, com novos atores, mas o mesmo enredo.

\*É cientista político e professor

## OPINIÃO DO LEITOR

**O Jornal Ribeirão é essencial, o único realmente independente! Seu compromisso é com a verdade, doa a quem doer.**

Coraucci Sobrinho, ex-deputado federal

**Gostei muito da matéria sobre as 12 coisas genuinamente de Ribeirão. Mas poderiam ser 100! Parabéns por valorizar nossa cidade.**

Giane Dantas, Jardim Olhos d'Água

Jornal Digital

Leia o QRCode e acesse a versão online do Jornal Ribeirão



Pontos de Distribuição

Veja onde você encontra a versão impressa do Jornal Ribeirão:

- Banca Tibiriça - R. Tibiriça, 600
- Banca do Denis - R. Otávio Gólfeto, 326
- Banca Saudade - Av. Saudade S/N
- Banca Paulista - Av. Independência, 1680
- Banca 2000 - Praça Coração De Maria S/N
- Banca Balleiro - R. Gen. Osório, 549 - Calçadão
- Banca Oracilda - Praça Jose Mortari S/N
- Banca Solange - Av. Pres. Vargas, 25 - Esq. Av. R. Nove De Julho
- Banca Camões - Praça Camões S/N
- Banca Oásis - R. Duque de Caxias, 800
- Banca Pinguim - R. Gen. Osório em frente a Choperia Pinguim - Calçadão
- Banca do Valdir - Av. Nove De Julho, 378 - Esq. R. Visconde de Inhaúma
- Banca 13 de Maio - Av. 13 De Maio, 575
- Banca Irajá - R. Dr. Isaac Teodoro de Lima, 588
- Banca Sete de Setembro - Praça
- Banca do Emerson - R. Campos Salles, 431
- Banca Office Center - Av Portugal, 1760
- Banca do Amaral - R. Amador Bueno, 395
- Banca da Lucia - Av Dom Pedro S/N
- Banca do Rogério - R. Maria Tereza Braga Centri, 425
- Banca do Peruano - R. Florêncio De Abreu S/N (Calçada Catedral)
- Banca da Japa - Av. Jerônimo Gonçalves, 493 (Próx Rodoviária)

JORNAL RIBEIRÃO

SKY COMUNICAÇÃO E EVENTOS LTDA  
CNPJ 12.884.377/0001-30

www.JORNALRIBEIRAO.COM.BR

REDAÇÃO:

Av. Eduardo Gomes de Souza, 766 - S/4  
City Ribeirão - Ribeirão Preto/SP  
CEP 14021-540

Editor-chefe: **Eduardo Schiavoni**  
Editor adjunto: **Beatriz Camargo**  
Editor de arte: **Daniel Torrieri**

Contato:

redacao@jornalribeirao.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR:  
(16) 99173-3980

Acesse pelo QRCode >



Departamento Comercial: **Emerson Cosmo**  
comercial@jornalribeirao.com.br

Material noticioso e fotográfico fornecido pelas agências de notícias Estado, Brasil, France-Press, Reuters, pela equipe de correspondentes e pelos colaboradores.

O Jornal Ribeirão não se responsabiliza por conceitos ou opiniões emitidos em colunas ou artigos assinados.